



ATAS das 2<sup>as</sup>

## CONFERÊNCIAS MUSEU DE LAMEGO / CITCEM - 2014

### Quintas do Douro: História, Património e Desenvolvimento

Disponível online em [www.museudelamego.pt](http://www.museudelamego.pt)

#### ABREVIATURAS

AMVR – Arquivo Municipal de Vila Real

ASCR – CQ - Amigos do Solar dos Condes de Resende  
– Confraria Queirosiana

ASRAVD – Associação de Desenvolvimento da Rede  
de Aldeias Vinhateiras do Douro

CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar  
Cultura, Espaço e Memória

CNRS – Centre National de la Recherche Scientifique,  
Lyon

DL – Diocese de Lamego

DRCN – Direção Regional de Cultura do Norte

FCSH – UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

GHAP – Gabinete de História, Arqueologia e Património

MD – Museu do Douro

ML – Museu de Lamego



## ORGANIZAÇÃO

ML DRCN / CITCEM FLUP

## COMISSÃO ORGANIZADORA

Alexandra Braga (ML DRCN)

Gaspar Martins Pereira (FLUP CITCEM)

Luís Sebastian (ML DRCN)

Paula Montes Leal (FLUP CITCEM)

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Alexandra Braga

Luís Sebastian

## CONFERENCISTAS

António Martinho (ADRAVD)

Carlota Cabral (FCSH-UNL)

Celeste Pereira (Greengrape)

Gaspar Martins Pereira (CITCEM)

Gonçalves Guimarães (GHAP – ASCR-CQ)

Luís Ramos (UTAD)

Manuel Carvalho (Jornal «Público»)

Natália Fauvrelle (MD/CITCEM)

Nuno Magalhães (UTAD)

Nuno Resende (CITCEM)

Otilia Lage (CITCEM)

Paula Montes Leal (CITCEM)

Paulo Amaral (DRCN)

Pedro Peixoto (AMVR)

Pedro Pereira (CITCEM/CNRS)

## DESIGN DE COMUNICAÇÃO

Luís Sebastian

## COMUNICAÇÃO

Patrícia Brás (ML - DRCN)

## SECRETARIADO

Paula Duarte (ML DRCN)

Patrícia Brás (ML DRCN)

Teresa Sequeira (ML DRCN)

## LOGÍSTICA

Paula Pinto (ML DRCN)

## CONCEPÇÃO E COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Pe. Hermínio Lopes (DL)

## IMAGEM DE CAPA

Pedro Martins.

© Direção Regional de Cultura do Norte

## EDIÇÃO

© Museu de Lamego – Direção Regional de Cultura do Norte

## DATA DE EDIÇÃO

Outubro de 2014

## e-ISBN

978-989-98657-7-8

O conteúdo dos textos, direitos de imagem e opção ortográfica são da responsabilidade dos autores.



## APOIOS:

Liga dos Amigos do Museu de Lamego

Município de Lamego

Diocese de Lamego

Hotel Lamego

Solta Giga

Casa de Santo António de Britiande

ESTGL Lamego

Escola de Hotelaria e Turismo do Douro – Lamego

Quinta de Mosteirô

# Santos da casa:

## Capelas, devoção e poderes a sul do Douro no memorialismo paroquial de 1758.

**texto:** *Nuno Resende,*  
DCTP – Faculdade de Letras da U. Porto  
([nmendes@letras.up.pt](mailto:nmendes@letras.up.pt))

### **Nota bio-curricular:**

#### **Nuno Miguel de Resende Jorge Mendes (Nuno Resende)**

Nuno Resende nasceu em Cinfães, a 29-8-1978. É doutor em História da Arte Portuguesa (2012) e mestre em Estudos Locais (especialização em construção de Memórias Históricas) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2005) tendo concluído a licenciatura em História (variante científica) pela Universidade do Minho no ano de 2001. Foi investigador do Museu Nacional Soares dos Reis (2003-2004) onde participou na elaboração de várias exposições temporárias. Em 2006 foi convidado pela Diocese de Lamego para coordenar a 2ª fase do Inventário do património religioso e cultural nos arcebisposados de Lamego e Tarouca tendo então comissariado duas exposições sob o tema do património religioso no vale do Douro («A Montante do Tempo», 2006 e «A Palavra e o Espírito», 2007). Foi, ainda, coordenador editorial e científico de diversas publicações editadas pela Diocese de Lamego, nomeadamente os 2 volumes do catálogo resultante do projecto de inventariação: «O Compasso da Terra», em que participaram 24 investigadores nas áreas da História e História de Arte de diversas universidades nacionais. Foi bolseiro FCT tendo apresentado, em Setembro de 2011, a sua tese de doutoramento em História da Arte Portuguesa (bolseiro FCT) que versava a temática da hagiopopografia no território de Montemuro entre os séculos XVI e XVIII. Foi investigador-bolseiro ao serviço da Universidade do Porto/VALSOUSA, onde efectuou trabalho de investigação e concebeu material propedêutico no âmbito do projecto Rota do Românico. Exerce actualmente o cargo de professor auxiliar do Departamento de Ciências e Técnicas do Património. É membro do Secretariado Diocesano dos Bens Culturais da Diocese de Lamego e integra, ainda, o conjunto de investigadores do CITCEM – Centro de Estudos de População e Sociedade. Entre os vários trabalhos publicados contam-se artigos e obras nas áreas dos estudos de população, sociedade e família, fotografia e retrato histórico, arte religiosa, biografia e micro-história, entre outros temas, num período que baliza entre a Idade Moderna e a contemporaneidade.

Contacto institucional: [nmendes@letras.up.pt](mailto:nmendes@letras.up.pt); contacto pessoal: [nunoresende-m@gmail.com](mailto:nunoresende-m@gmail.com)

### Resumo:

Esta comunicação pretende abordar algumas questões ainda emergentes, quer no âmbito da historiografia, quer no contexto da historiografia da arte sobre as capelas - templos de pequena ou média dimensão isolados, adossados a templos maiores, incorporados ou vinculados a habitações senhoriais. Em primeiro lugar: de que forma arte e o património religiosos se impuseram no território, fora das igrejas e a cargo de particulares? Como se articulavam, no território e no contexto hierárquico e legalista português de setecentos as capelas, os seus instituidores e (ou) administradores e os poderes locais e regionais? A região de Montemuro a que nos reportamos, considerada nas suas paróquias e divisões menores - no caso o distrito eclesiástico do Douro - apresenta na geografia e na documentação memorialista de 1758 que se lhe refere (a nossa fonte principal de análise) aspectos que permitem, se não responder, pelo menos aflorar alguns aspectos relacionados com estas problemáticas. Procuraremos assim dar expressão visual ao fenómeno de construção do património religioso por particulares e a escolha das devoções - contextualizando a sua fundação e gestão num período pós-Tridentino, quando a Igreja adoptou novas medidas de controlo sobre legados, óbitos e fundações pias - mundo jurídico em que se enquadram aquelas estruturas.

**Palavras-chave:** Capela, casa, devoção, hagiopografia, memorialismo, paróquia.

### Abstract

With this article we pretend to focus on some emerging issues within the historiography and historiography of art about chapels - catholic temples of small or medium size, isolated or linked to manor houses. How was religious art brought outside churches and other public religious buildings by individuals? How was articulated within the territory and within the hierarchy of the Catholic Church the construction and management of chapels by laic founders within a local and regional context? The region to which we refer - Montemuro - , considered in its parishes and smaller divisions - in this case the ecclesiastical district of Douro - presents in its geography aspects that allow, if not to answer, at least touch on some aspects of that issues. As so we will try to answer those questions and others about these religious heritage buildings, addressing private devotions and the motives related to their choice - contextualizing founding and management of chapels in post-Tridentine period, when the Church adopted new control measures on legacies and pious foundations. For that we use a specific historic source called *Memórias Paroquiais*, dating from 1758, that document and characterize through a series of questions the heritage within parishes.

**Keywords:** Chapel, manor house, nobility, hagiography, historical memory, parish.

## INTRODUÇÃO

O nosso projecto de doutoramento levou-nos a procurar elementos para a compreensão sobre a fundação, implantação e desenvolvimento de templos católicos comunitários, vulgarmente designados por capelas ou ermidas<sup>82</sup>. Estruturas de dimensões menores (por comparação com a igreja matriz) edificadas em contexto urbano ou isolado serviam as populações, distantes da matriz, nos ofícios religiosos ou para-religiosos estimulando – nomeadamente através da escolha de uma entidade patronal – o fortalecimento de laços vicinais e marcando a paisagem enquanto eixos de atracção social.

Embora centrássemos a nossa atenção no período moderno (sécs. XVI-XVIII), depressa constatámos que aquele fenómeno e o seu desenvolvimento em determinadas geografias repetia um modelo iniciado na Idade Média: a autonomização de comunidades mais afastadas da igreja matriz. Para maior comodidade no acesso aos ofícios (ou até dando expressão a desejos colectivos) as comunidades alcançavam, através da construção de uma ermida, depois elevada a curato, a qualidade de paróquia. Este processo, designado por A. Almeida Fernandes como das *igrejas filiais*, ocorreu ao longo da Idade Média assente num esquema aparentemente simples: a partir de um templo principal criavam-se desdobramentos regionais, concêntricos, de igrejas menores que recebiam oragos iguais aos templos matriciais ou cultos induzidos pelos indivíduos à frente das instituições ligadas aos templos principais<sup>83</sup>. Tal processo de filiação foi estudado no aro de Lamego pelo referido historiador, mas o fenómeno não se esgotou nos limites da Idade Média, como podemos aferir pelo nosso estudo. De facto a complexidade deste fenómeno, entre a escolha do orago até à

fundação e por vezes à extinção das ermidas ou daí à transformação em curato e igreja não permitia cingíssemos a nossa atenção num edifício cronologicamente limitado a um breve período e pudemos acompanhar a evolução estrutural e jurídica destes templos num tempo dilatado, extrapolando assim para o período moderno, o que parecia ter ocorrido apenas ao longo da Idade Média e que A. Almeida Fernandes explica numa base puramente documental.

Recorrendo à colação de dados estatísticos, à observação directa e à análise documental constituímos uma base de dados composta por 206 edifícios distribuídos geograficamente pelo território designado por maciço de Montemuro, conjunto montanhoso na margem sul do Douro, entre os rios Paiva e Balsemão. A escolha do território fundamentou-se na homogeneidade geográfica cujos limites naturais serviam de fronteira a várias unidades administrativas e eclesiásticas, entre paróquias, municípios, coutos, honras e os distritos eclesiásticos – elementos importantes para compreendermos a administração temporal e religiosa da Diocese de Lamego no período moderno<sup>84</sup>.

Ao longo dos dois séculos a topografia religiosa sofreu alterações profundas no maciço de Montemuro. Acompanhando o sentido ascendente da humanização – dos vales aos planaltos – as ermidas foram sendo edificadas no espaço comunal das aldeias, cumprindo a sua função de casa de oração e acolhimento espiritual, mas também marco visual na paisagem e eixo de novos percursos que o aumento demográfico determinava, criando ou fortalecendo comunidades distantes da velha igreja matriz e estabelecendo novos locais de culto relacionados com as necessidades colectivas das populações. O estudo da implantação destes edifícios e a relação da entidade com o território e a comunidade veneradora, designado como *hierotopografia* ou *hagiotopografia*<sup>85</sup>, permitiu-nos aproximar da razão ou razões inerentes a tais fundações: a protecção do espaço agrícola, a salvaguarda do património humano e a intervenção no território do ponto de vista urbanístico ou social, através da criação de santuários e centros de romagem – pólos de atracção religiosa e comercial.

A geografia de Montemuro permitiu-nos, outrossim, avaliar de vários níveis ou tipologias de implantação, não apenas dentro da esfera das categorias de **urbano**, **periférico** ou **isolado**, mas procurando esta-

82 RESENDE, 2012a.

83 FERNANDES, 1963. Acrescentámos alguns dados referentes ao estudo deste processo em estudos locais: RESENDE, Nuno (2010a) – «Lamego e a sua catedral no Códice 390 da colecção António Capucho (1679-1712): espaços e dinâmicas segundo um livro de despesas do Cabido lamecense». In BRAGA, Alexandra; SARAIVA, Anísio - *Espaço, Poder e Memória. A Catedral de Lamego*. Lisboa: CEHR. E ainda em: RESENDE, Nuno - *O concelho de Magueija*. Lamego: União das Freguesias de Bigorne, Magueija e Pretarouca, 2014. 978-989-20-5006-5

84 Cf. Capítulo II, em RESENDE, 2012a.

85 Sobre estas definições ver Ibid: 208 ss.

belecer relações entre os cultos, a orografia, a exploração dos recursos naturais e a percepção do Homem sobre a paisagem.

Nesse sentido foi necessário determinar com o rigor possível dentro da complexidade do tema exposto o limite do nosso objecto de estudo, nomeadamente através da utilização de uma designação lhe conferisse um âmbito de modo algum redutor no espaço ou no tempo. As denominações genéricas que, de resto, já utilizámos – ermida ou capela – constituem-se como a forma mais comum para designar o templo de culto católico, de pequenas dimensões, aberto à devoção pública, frequentemente associado ao mundo rural. Assim o plasmou a historiografia local que através dos seus cultores nem sempre se mostrou interessada na boa aplicação terminológica, ignorando a raiz vocabular ou a polissemia das palavras.

Uma busca pela dicionarística portuguesa permitiu confirmar uma utilização recente e mais abrangente dos termos, mas a sua origem e aplicação ao longo da Idade Média e da época Moderna parecia menos polissémica: **ermida** aludindo a qualquer templo público, erguido em espaço urbano ou isolado e **capela** no sentido de espaço interior associado a património particular<sup>86</sup>.

Conquanto nos interessassem as ermidas e a sua posição em contextos devocionais colectivos e como marcos-eixos na paisagem e no território, apenas fizemos uma breve incursão pelo universo das capelas<sup>87</sup>. Dos dados recolhidos nas fontes disponíveis elaborámos algumas comparações entre ermidas e capelas, nomeadamente quanto à distribuição dos oragos e cultos – que expressam efectivamente a distância entre o colectivo e o privado (ver ponto 4 deste trabalho)<sup>88</sup>. Mas as problemáticas associadas às capelas e ao seu universo não nos suscitaram questões imediatas. De resto, as capelas – amiúde associadas a uma estrutura maior, habitacional ou religiosa –, distanciam-se da ermida exactamente por essa dependência ou vínculo a património individual ou linhagístico que desde logo justificaria a sua construção e o local de implantação. À partida o posicionamento das capelas no território devia submeter-se aos desejos e estratégias dos indivíduos ou das instituições que, através de vontades particulares, indicavam o local de edificação e explicavam

muitas vezes as razões subjacentes a tal escolha.

Assim ficaram de fora do nosso estudo mais de uma centena e meia de edifícios (153) que não couberam na designação de ermida e cuja amostragem utilizaremos agora para aferir da extensão, importância e função deste tipo de património na construção da paisagem e urbanismo na sociedade a sul do Douro, nos séculos XVI a XVIII.

Para tal utilizámos como fonte primária e principal o memorialismo de 1758<sup>89</sup>, aceitando as limitações desta fonte – fundamentalmente quantitativa mas com possibilidades descritivas que é necessário explorar não obstante o condicionalismo ditado pela grelha do inquérito e as lacunas culturais dos redactores que responderam. As memórias paroquiais integram-se na categoria documental de inquéritos epistolográficos que marcaram o estudo académico e o conhecimento do território nos séculos XVII-XVIII. Apesar da sua riqueza contabilística e descritiva a ausência de estudos comparativos, a análise vocabular e do seu potencial qualitativo tem sido arredado dos estudos elaborados sobre esta fonte<sup>90</sup>.

89 As vulgarmente designadas Memórias Paroquiais inscrevem-se num projecto acadêmico iniciado pelo padre Luís Cardoso, da Congregação do Oratório que entre 1747-1751 iniciou a publicação de um Dicionário Geográfico, interrompido pela catástrofe de 1755. Três anos depois em 1758, a partir da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, e pela mão de Sebastião José de Carvalho e Melo foi posto a circular pelas dioceses portuguesas um inquérito que procurava, através das paróquias, conhecer o país nos seus eixos Terra, da Serra e Rio – três pontos ao longo dos quais se organiza o questionário. Para o nosso estudo utilizamos as questões número 13 do ponto I («Se tem algumas ermidas e de que santos e se estão dentro, ou fora do lugar a que pertencem»), 9 do ponto II («Se há na serra alguns mosteiros, igrejas de romagem ou imagens milagrosas»). As memórias estão disponíveis em PORTUGAL. Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo - TTOnline [em linha]. Lisboa: IAN/TT, 2005-. [consult. 29 Dez. 2006]. Memórias Paroquiais. Disponível em <http://ttonline.ian.pt>. Optámos por indicar ao longo do texto apenas as citações directas da fonte, remetendo para a consulta directa na plataforma IAN/TT as paróquias referidas no quadro I em anexo.

90 Sobre esta questão veja-se o que escrevemos em RESENDE, 2010: 14-17.

86 Cf. capítulo I, *ibid.*

87 Cf. mapa 21, p. 235, *ibid.* Reproduzido neste ensaio.

88 Cf. Quadro 4, *hagiologias patronais nas ermidas de Montemuro*, *ibid.*

## II. AS CAPELAS: ESPAÇO E PODER(ES)

**E**mbara no caso das ermidas tivéssemos centrado a nossa atenção no próprio edifício, na sua implantação territorial e no cruzamento de dados estatísticos com a documentação que nos foi possível levantar, o universo das capelas possibilita o acesso a um conjunto mais expressivo de fontes históricas. A documentação produzida a este respeito reflecte o cuidado posto pela Igreja no controlo e fiscalização quer deste tipo de fundações/construções, quer na vigilância dos espaços, dos seus proprietários e nos rendimentos afectos ao pecúlio religioso administrado.

Desde o início que a Igreja tentou refrear o acesso de leigos ao património eclesiástico. Na passagem do mundo romano ao cristianismo, eram os fiéis que custeavam a edificação de templos particulares (de resto costume de herança clássica) que resultaram em espaços comunitários - alguns deles catalisadores da população rural dispersa. Nasceram assim basílicas e outras estruturas de culto que acabariam por definir a genealogia de algumas igrejas paroquiais. Inalcançável pelo braço da Igreja de Roma - porque em formação e portanto pouco vigilante e incapaz de punir com celeridade - muitos daqueles templos tornaram-se proveitosa fonte de rendimento para leigos<sup>91</sup>. O próprio direito do padroado, instituído sobre aquele preceito, permitiu que ao longo da Idade Média famílias e linhagens «comessem» (a expressão é da época) nos bens de igrejas e mosteiros, onde dominavam como senhores de quase pleno direito<sup>92</sup>.

91 Viterbo discorre (*Elucidário*, entrada «Igreja») abundantemente sobre estas e outras questões, que demonstram a preocupação da Igreja em conter os abusos de leigos quanto à construção e administração de edifícios religiosos, cf. VITERBO, 1798: 32 ss (vol. II).

92 A este respeito cabe referir a primeira obra que no caso historiográfico português se debruçou sobre estas temáticas: Oliveira, Miguel - *As paróquias rurais portuguesas*. Lisboa: [União Gráfica], 1950. Outrossim a obra de Pierre David é fundamental para compreender, na passagem da Antiguidade Clássica para a Idade Média e no período da Reconquista o processo de formação de paróquias, cf. David, Pierre - *Études sur la Galice et le Portugal du VIe au XIe siècle*. [Coimbra]: Institut Français au Portugal, 1947. Mais recentemente e para o período paleocristão salientamos os estudos de Maciel, M. Justino - *Antiguidade tardia e paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: [edição do autor], 1996, 972-96934-0-4. Estudos pontuais têm surgido, normalmente associados à arqueologia e que permitem acrescentar alguns dados à problemática do nascimento de templos cristãos e o seu dimensionamento ou a sua implantação em função de estruturas anteriores - tema complexo e ainda desconhecido que tem dado origem a teorias pouco sustentadas sobre a persistência de cultos, sincretismo e continuidades culturais, cf., por exemplo, Lima, António Manuel Carvalho - *Os mosaicos da igreja de Santa Maria do Freixo e a ecclesia de Tongobriga*. Marco de Canaveses: DRCN/Estação Arqueológica do Freixo, 2012.

Mas se papas, bispos e sacerdotes tentaram combater este domínio laico sobre os bens eclesiásticos, a necessidade de assegurar o rendimento necessário para a fábrica e dotação de um número crescente de edifícios (construções em parte motivadas pelo aumento demográfico) determinou que não houvesse uma cisão completa entre padroeiros, hierarquias e estrutura eclesiástica. O crescente medo de uma morte impreparada e do próprio esquecimento pós-morte determinou que, por volta dos séculos XIII-XIV a fundação de capelas (e a própria definição) se adequasse ao quadro político, religioso e jurídico da época - de que a planimetria eclesial gótica é particularmente reveladora. De facto, às igrejas românicas de planta simples onde o espaço acusa um poder homogéneo e centralizado, sucederam-se as complexas construções góticas, marcadas pela justaposição de espaços menores adossados à nave: espaços particulares que senhores, leigos ou eclesiásticos, patrocinavam para sua memória e dos seus.

Não obstante este modelo os senhores leigos não deixaram de, nos seus domínios, quererem aceder directamente ao espaço sagrado, movendo para isso esforços políticos e económicos para o fazer. Desde oratórios integrados na estrutura habitacional a edifícios isolados mas enquadrados em contexto fundiário, ainda durante a Idade Média alta e pequena nobreza usaram os seus recursos para aproximar o divino ao seu mundo quotidiano e doméstico. A mudança de paradigmas familiares, a volubilidade das relações sociais determinadas pela proximidade da morte e, naturalmente razões de teor económico, tiveram influência na conquista do património religioso pelos leigos, como se prova pela crescente instituição de vínculos - morgadios e capelas - que canalizaram para muitos espaços de culto dotes e legados aplicados não apenas em ofícios religiosos perpétuos, outrossim na construção e gestão daqueles espaços<sup>93</sup>.

Estas dotações sobre as quais não existem estudos estatísticos parecem ter aumentado ao longo dos séculos XV e XVI, de tal forma que no decurso da época moderna constituem uma preocupação para alguns tratadistas, como Manuel Severim de Faria que, na sua obra *Notícias de Portugal* (publicado em 1655), disser-

93 Sobre esta problemática, do ponto de vista jurídico, salientámos para o caso português os estudos de: ROSA, Maria de Lurdes Pereira - *O morgadio em Portugal: sécs. XIX-XV*. Lisboa: Editorial estampa, 1995 e Id. - «As almas herdeiras». Fundação de capelas fúnebres e afirmação da alma como sujeito de direito (Portugal, 1400-1521). Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2011, 978-972-27-1938-4.

ta sobre os morgadios e a sua importância na república<sup>94</sup>.

A Igreja saída de Trento (concílio 1545-1563) preocupou-se em legislar devidamente sobre a fundação de capelas e outros edifícios salientando, na Sessão XIV, capítulo XII do referido concílio, que:

«Ninguém, de qualquer Dignidade Ecclesiastica, ou Secular que seja, possa, nem deva adquirir, ou obter direito de Padroado, por qualquer razão que seja, senão fundando, erigindo de novo alguma Igreja, Benefício, ou Capella; ou estando já erigida, mas sem dote suficiente, dos seus próprios bens patrimoniaes a dotar competentemente. Mas em caso de Fundação, e Dotação, a Instituição será reservada ao Bispo, e não a outro»<sup>95</sup>.

Centralizando na figura do prelado a autorização sobre a fundação de «igrejas, benefícios e capelas», o Concílio pretendia cercar as fundações particulares limitando o seu número e colocando-as sob a vigilância eclesiástica. De resto, à autorização da criação de **capelas** ou **oratórios** nas casas nobres, devia implementar-se um verdadeiro plano burocrático para garantir a boa contabilidade do espaço de culto, devendo o administrador recorrer a várias tipologias de livros de registo.

A legislação tridentina ecoou no conjunto de normativas diocesanas portuguesas, como no caso de Lamego a que se reporta o nosso estudo. Este bispado, muito embora veicule já nas Constituições de 1563 um conjunto expressivo de legislação sobre os edifícios de culto<sup>96</sup> apenas no sínodo de 1682 definiu plenamente a reforma católica de Trento. Aqui se determina que:

Conforme a Direito, todas as ofertas que se põem em cada uma das Igrejas Paroquiais, ou Ermidas e Oratórios que estiverem em seu limite e freguesia, pertencem aos párocos, a cada um na sua. [...] E portanto mandamos, sob pena de excomunhão maior *ipso facto*, que nenhuma outra pessoa secular ou Eclesiástica usurpe as ditas oblações ou ofertas como direito seu, nem se intrometerá por si, ou por outrem, as arrecadar para si, ou para outra pessoa, por o dito título. E quanto aos leigos, lhe não aproveitará prescrição e posse,

ainda que seja muito antiga, por quanto são incapazes desse direito [...] <sup>97</sup>.

**À data da produção das memórias (1758), vigorava ainda este sistema legislativo, sustentado em visitas cíclicas que pugnavam pelo cumprimento dos cânones – muito embora estivéssemos já perto das intervenções pombalinas para refreamento das instituições vinculares que terão impacto na administração de locais de culto associados a tais fundações<sup>98</sup>.**

94 Cf. FARIA, 2003, Discurso Primeiro, §8, p. 34 (desta edição).

95 IGREJA CATOLICA. Concílio de Trento [1545-1563] - *O sacrosanto, e ecumenico Concilio de Trento*, 1781, Sessão XIV, capítulo XII, p. 391

96 Aqui definidos em três tipologias: igrejas, ermidas e oratórios – sendo que esta última designação pode ter o duplo sentido de capela ou igreja monástica, cf. VITERBO, 1798: 31 (vol. II).

97 LAMEGO, DIOCESE DE - *Constituições synodales*, 1683, Título VI, cap. 3, p. 147. No capítulo 4 refere-se ainda «Que as ofertas se não arrendem a leigos, nem eles possam tirar do altar».

98 Ver RESENDE, 2012: 49 (vol. I).



### III. OS INDIVÍDUOS E AS INSTITUIÇÕES: DEVOÇÃO E (OU) ESTRATÉGIA?

**D**evemos, antes de mais, distinguir instituidores e administradores.

Por **instituidor** entende-se o indivíduo que funda a capela ou a vincula a determinado património (dotação) necessário ao sustento do espaço religioso. Por vezes este acto coincide com a fundação de um vínculo associando à capela um nome e (ou) uma linhagem.

O **administrador**, normalmente descendente ou parente do instituidor é aquele a quem cabe o encargo de gerir o património herdado, fazendo cumprir óbitos e legados, providenciando a fábrica do edifício e procedendo à tomada de contas a prestar ante visitantes eclesiásticos e outras entidades.

Existem poucas referências a instituidores nas memórias de 1758 – de certa forma um indicador cronológico da fundação das capelas. Colhemos apenas três notas sobre edifícios concluídos, pouco antes ou à data da redacção da memória: a capela episcopal de São Miguel, no paço de Lamego; a capela dedicada a Virgem da Conceição em Picão (f. Oliveira do Douro) e a de São José, no lugar da Porta (F. São Cristóvão de Nogueira) que o reitor diz achar-se «finda mas não em termos de Se celebrar, por não ter ahinda alcançado Licença he ordinario»<sup>99</sup>.

Dos padroeiros ou administradores das 153 capelas registadas em Montemuro em 1758 **vinte e um** eram eclesiásticos, **setenta e cinco** leigos, **três** instituições religiosas, **três** instituições laicas e **cinquenta e três** cuja qualidade não é especificada. É expressiva a percentagem de administradores leigos (48 por cento) que nos remete para um mundo laico e senhoril, embora não exclusivamente masculino. De facto dentre o conjunto dos setenta e cinco padroeiros, **dez** eram do sexo feminino. No rol de senhoras contava-se uma religiosa de São Bento que administrava a capela dedicada à Virgem da Graça no lugar do Picão e um conjunto de irmãs que tinham a seu cargo a capela de São Bento no lugar de Louredo da freguesia de São Cristóvão de Nogueira (ver quadro em anexo).

Os clérigos desempenhariam, contudo, um papel nuclear, quer na fundação, dotação e administração

destas capelas, quer na participação nos ofícios litúrgicos ali celebrados, função que exerciam na qualidade de capelães<sup>100</sup>. Se é certo que, como no caso do Padre Manuel Teixeira Cardoso (n. 1687), de Oliveira do Douro, a capela da casa onde habitava serviu para ilustrar a memória e o nome da sua família através da instituição de um vínculo em 1740, noutras situações os sacerdotes aparecem referidos como funcionários (capelães) ao serviço de certo senhor<sup>101</sup>.

Embora desconheçamos a identificação de quase metade do número de administradores, a fatia de quarenta e oito por cento dos padroeiros permite-nos uma incursão no mundo dos apelidos nobiliárquicos portugueses. Estão aqui representados indivíduos das famílias dos Pereiras (oito), dos FONSECAS (cinco), dos Melos (quatro), dos Vasconcelos (quatro), dos Carvalhos (três), dos Pintos (três), dos Coutinhos (dois) e dos Barros (dois) entre outros (ver quadro I em anexo).

São, contudo, parcas as descrições dos memorialistas quanto à origem e estatuto social dos administradores, assim como à natureza do património assinalado. Se no caso das ermidas existe com alguma frequência uma alusão à sua implantação ou localização na geografia local e regional, apenas de forma esporádica o relator nos oferece um breve relance sobre a posição da capela no território ou a descrição da sua estrutura. Todavia a memória não esquece os ilustres da terra que muitas vezes integravam as principais famílias locais proprietárias de grande parte das casas e capelas que lhe eram contíguas ou lhe estavam vinculadas. Homens das governanças, clérigos e devotas senhoras incluíam-se como instituidores, administradores e benfeitores do património eclesiástico das freguesias, associando à obra o perfil piedoso e caritativo que lhes impunha o estatuto e a sociedade. Efectivamente a algumas destas capelas associavam-se estruturas e espaços de auxílio a quem buscava lenitivos, como no caso das Caldas de Aregos que, embora não fosse uma capela de família, era de administração particular e tinha associada uma albergaria e barca para ajuda a viandantes, administrada por leigos.

Sobre a implantação das capelas no território colhemos no entanto algumas referências que convém elencar, mormente pelas expressões utilizadas pelos

99 GOUVEIA, José da Cunha e - *São Cristóvão de Nogueira [Memória Paroquial de]*. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240942>>.

100 Como especifica Bluteau, capelão era «o sacredotte assalariado que tem obrigação de dizer missa em oratório ou igreja», cf. BLUTEAU, 1712-1728: 122 (vol. II).

101 RESENDE, 2012b: 119.

memorialistas para situar os edifícios segundo o seu conhecimento e percepção visual sobre o território que parquiavam.

Em Ferreiros de Tendaís o abade indica-nos localização de algumas das capelas no território paroquial: a de São Roque em Covelas estava «fora do lugar» e a de São Francisco, na mesma povoação, «dentro do lugar». No lugar de Ferreiros, sede da freguesia, encontravam-se as de Santo António, «ao pé» e a da Senhora da Assunção «dentro» do lugar<sup>102</sup>. Na vizinha freguesia de Oliveira do Douro em Boassas erguia-se a capela da Senhora do Amparo, «no meyo do Povo», a de Passô, dedicada a São Francisco, «alguma couza fora da povoação»<sup>103</sup>. E em Fornelos a capela de São Sebastião na quinta das Carvalhas estava «fora do lugar de Villa Nova»<sup>104</sup> (ver quadro 1 em anexo).

Não sabemos se por tratar-se do senso comum, se por descuido dos redactores são parcas as referências às casas senhoriais onde algumas das capelas se localizariam. Em S. Cristóvão o abade é particularmente completo na indicação de habitações às quais estavam associadas quer a família dos administradores, quer as suas capelas, aludindo a *quintas*: a da Grova, a da Granja, a da Raposeira e a do Bacelo, ligadas respectivamente às devoções de São Libório, São Miguel Arcanjo, Virgem da Conceição e São Bento<sup>105</sup>. Em Piães o abade é particularmente exaustivo na indicação de quintas, referindo as de Sequeiros, da Ribeira, da Póvoa, de Antemil (onde existiam duas capelas) e de Souto Juste quase todas à «beyra douro»<sup>106</sup>. O memorialista de Espadanedo generaliza afirmando que «em todas ellas [capelas ou ermidas] se diz missa a do povo está em hum monte as outras estão nas quintas dos sobreditos donos»<sup>107</sup>. Por outro lado, o pároco de San-

ta Maria de Nespereira alude a «casas», uma de Ana Monteiro e outra de Gonçalo Vaz Leitão, às quais pertenciam duas capelas dedicadas a Santo António – sem contudo percebamos o local de implantação das mesmas, se contíguas às habitações ou apenas dentro da propriedade<sup>108</sup>. Outrossim em Resende refere-se um «casa particular» e as quintas da *Crujeiras*, de Safões, do Paço, de Vila Pouca, de Terra Nova, de Rendulfe, e de Semelião, todas com a sua capela<sup>109</sup>.

No conjunto das memórias analisadas as mais completas quanto à localização e descrição das capelas são as que dizem respeito às freguesias da sé de Lamego e de Almacave<sup>110</sup>. Ambos os memorialistas têm o cuidado de indicar no urbanismo o posicionamento daquelas estruturas, aludindo a **capelas adossadas** a igrejas (como a do Espírito Santo em Almacave) ou **interiores**, como nos exemplos do Hospital, do Paço Episcopal e da casa de Almedina. Surge pertinente a informação sobre a capela desta casa, dedicada à Virgem da Conceição, dentro da habitação, mas «com porta para a Rua» – sobretudo porque através da legislação da época sabemos ser esta uma das condições que se impunha para distinguir a capela ou oratório da ermida<sup>111</sup>.

Sobre a qualidade e naturalidade dos administradores resgatámos também algumas notas que na documentação que ajudam a traçar o perfil de homens e mulheres a quem cabia zelar pelo património das capelas.

O pároco de Ester alude ao proprietário da capela de Ester de Baixo, dizendo-o «sacerdote de virtude, e exemplo» e descreve a situação do edifício que não sendo cabeça de vínculo «que este o tem na freguesia de Parada de Ester», era «grandeza da sua quinta e Religioso Lustre da sua honorífica casa»<sup>112</sup>. Tais encómios são reveladores da importância destes edifícios

102 ANTUNES, Manuel - *Ferreiros de Tendaís* [Memória Paroquial]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240074>>.

103 TEIXEIRA, Baltazar Manuel de Carvalho Pinto - *Oliveira do Douro* [Memória Paroquial de]. Ibid. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240984>>.

104 RANGEL, Manuel José Carneiro - *Fornelos* [Memória Paroquial de]. Ibid. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240140>>.

105 GOUVEIA, José da Cunha e - *São Cristóvão de Nogueira* [Memória Paroquial de]. Ibid. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240942>>.

106 SILVA, Manuel Ferreira da - *Santiago de Piães* [Memória Paroquial de]. Ibid. IAN/TT. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4241215>>.

107 CARVALHO, Manuel Salter Rios de - *Espadanedo* [Memória Paroquial de]. Ibid. IAN/TT. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4239960>>.

108 Podendo ser entendida, neste contexto, a expressão casa, como património linhagístico ou familiar que extravasava os limites do edifício habitacional.

109 PINTO, Luís de Siqueira - *Resende* [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4241433>>.

110 TAVEIRO, José de Sousa Maria Evangelista - *Almacave* [Memória Paroquial de]. Ibid. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240473>> e VIEIRA, Diogo António - *Sé* [Memória Paroquial de]. Ibid. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240472>>.

111 A propósito desta questão ver o que escrevemos em RESENDE, 2012a: 68 ss.

112 COSTA, Bernardo Ferreira da - *Ester* [Memória Paroquial de]. Ibid. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/detail?id=4239992>>. O abade não refere o orago da capela.

como espaços de promoção individual e linhagística, geralmente associados ao nome, à família e ao solar do administrador.

Na vizinha freguesia do Pinheiro uma tradição local revelava em 1758 outra função para aquela tipologia de espaços religiosos. No lugar da Desfeita a capela dedicada à Virgem da Piedade «instituída e fabricada por tradição antiga por hum homem que foj ao Brazil» tinha associada uma albergaria tendo sido dotada pelo instituidor com vários legados destinados aos passageiros e pobres que deviam ser agraciados com esmolas pela Santa Cruz de Maio e no Dia da exaltação de Setembro<sup>113</sup>. A alusão à qualidade do instituidor – *brasileiro de torna viagem* – parece querer associar uma ideia subjacente às obras públicas destes beneméritos: providenciar, no regresso à pátria, recursos e meios para sustento dos mais necessitados. No entanto, e como frisa o memorialista, não se tratava de um burguês como os de oitocentos sobejamente glosados pelos romances da época, outrossim um irmão do «Secretario do Palacio Real»<sup>114</sup>.

Às portas de Lamego um cónego capitular mandara erigir uma capela, não com intuítos caritativos, mas como forma de expurgar o mal que ali se manifestaria: «consta que naquele sitio sucediam muitas mortes, muytas disgrassas, e nella se cometiam muito pecados»<sup>115</sup>. Assim, sobre uma notável laje mandou o eclesiástico Miguel Freire erguer uma capela como presença sagrada e espiritual de um perigoso lugar de passagem, marginal à urbe lamecense. Não se enquadrando no plano caritativo das capelas da Desfeita ou de Caldas de Aregos, não deixa de constituir uma intervenção particular no urbanismo e na paisagem como expressão de auxílio colectivo – se quisermos uma forma de auxílio espiritual.

Na região de Cinfães eram vários os capitães e sargentos-mores administradores de capelas e muitos os que, em 1758 e a partir de outras paragens, procediam à gestão deste património. No património religioso particular daquela freguesia intervinham nobres naturais ou moradores em Resende, na Vila de Viana, no Couto de Ancede ou da cidade do Porto – sinal expressivo de uma sociedade de várias casas que se articula-

va, entre negócios e casamentos, por outras partes do reino, nomeadamente pelo norte litoral<sup>116</sup>. Outrossim em Oliveira do Douro, São Cristóvão de Nogueira, Escamarão, Souselo, Penajóia, Freigil também se referem outras proveniências, grande parte delas distribuídas ao longo do vale duriense, por lugares ou termos como Benviver, Mesão Frio e Lamego.

O mapa 1 é importante testemunho gráfico da relação das capelas com o Douro, por onde no século XVIII se movimentariam interesses familiares, repartidos entre negócios «do sangue», do vinho e de outras indústrias<sup>117</sup>.

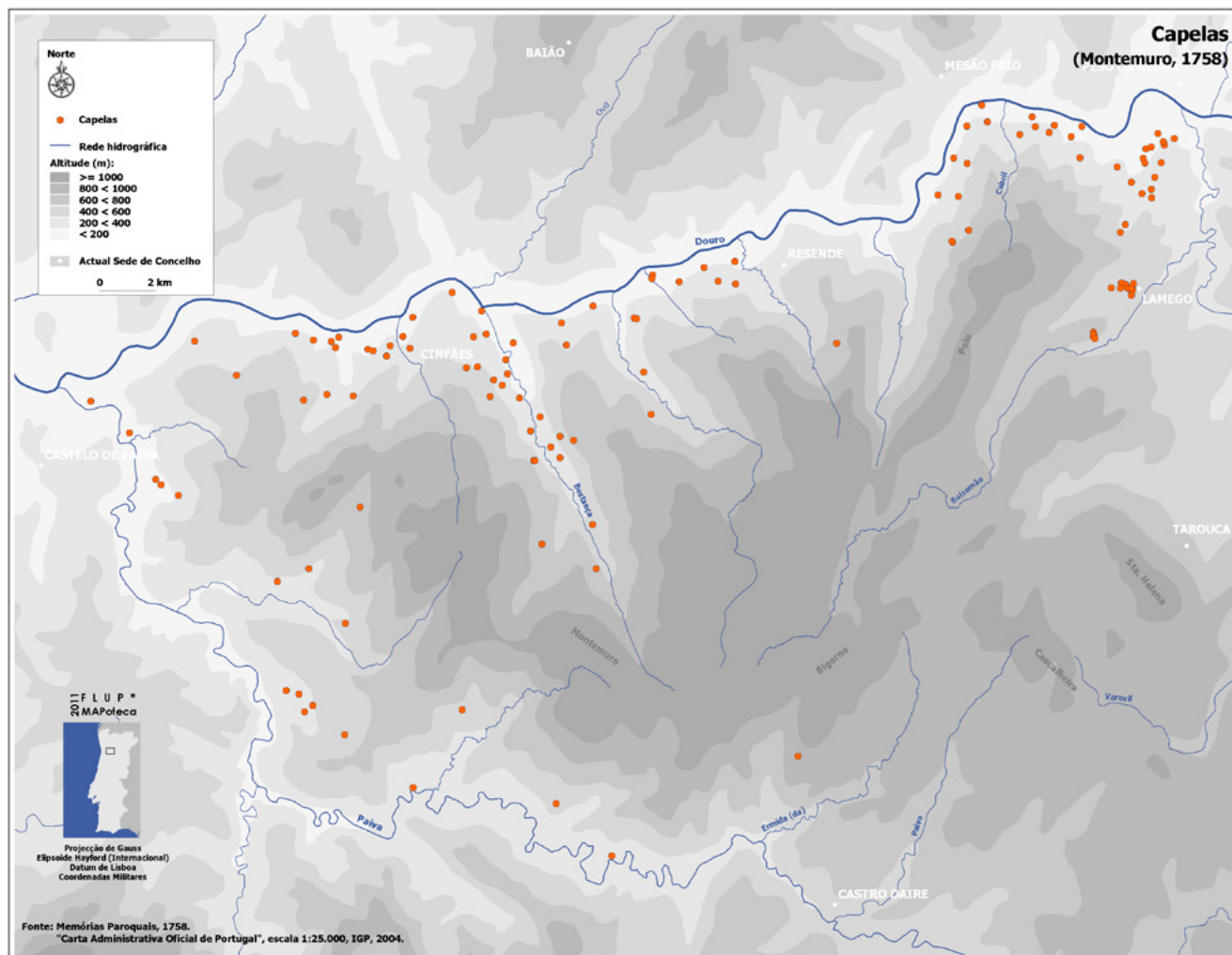
116 Cf. RESENDE, 2012b, onde apresentamos alguns casos de famílias que se movimentam ao longo do vale, articulando vários negócios.

117 Por negócios do sangue queremos dizer as relações sociais, afinitivas e consanguíneas que alavancariam o mercado matrimonial na região duriense. Das relações sociais, familiares e naturalmente económicas ao longo do *hinterland* duriense destacamos a investigação sobre o patriciado urbano do Porto que catalisava este movimento: BRITO, Pedro - Patriciado urbano quinhentista. Porto: Arquivo Histórico/Câmara Municipal do Porto, 1997.

113 FERRÃO, Manuel Correia - *Pinheiro* [Memória Paroquial de]. Ibid. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4241235PT/TT/MPRQ/29/187>>. O pároco desconhece o nome do instituidor, mas indica o do administrador àquela data: Tomé Cardoso, da Desfeita.

114 Cf. Ibid.

115 VIEIRA, Diogo António - *Sé* [Memória Paroquial de]. Ibid.



MAPA 1 – CAPELAS EM MONTEMURO: DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA. EXTRAÍDO DE RESENDE, 2012A.

Associadas a instituições religiosas existiam capelas junto a recolhimentos, como no caso de Fonseca na freguesia de Fontoura (hoje do concelho de Resende) onde as «recolhidas [eram] senhoras e padroeiras do mesmo recolhimento»<sup>118</sup> e em implantação urbana ou isolada, como em Lamego e Cambres, locais onde os cistercienses detinham administração sobre as capelas da Virgem da Graça (no Arco da Porta do Sol) e de São Bernardo em Cambres<sup>119</sup>.

Embora uma parte dos memorialistas não identifique o(s) instituidor(es) ou administrador(es) das capelas, algumas das suas notas permitem compreender a natureza jurídica deste tipo de património. Salien-

támos o caso da capela de Santo Amaro, no lugar das Caldas de Aregos onde afluíam romeiros em busca de alívio para as suas maleitas, não obstante ser, em 1758, um edifício em ruínas da administração do Conde de S. Miguel que, segundo o memorialista, não a queria reedificar<sup>120</sup>. Noutro exemplo, diverso do anterior, ao povo de Porcas retirou o padre José de Azevedo, para si, a administração da capela de São Domingos que então dotara e venerava<sup>121</sup>. Embora escassos estes exemplos juntam-se aos inúmeros casos registados na

118 AZEVEDO, José - *São João de Fontoura* [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitalq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240130>>.

119 ARAÚJO, João Veloso de - *Cambres* [Memória Paroquial de]. Ibid. Disponível em WWW: <<http://digitalq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4239417>>.

120 «[...] nesta já não existe a imagem do mesmo santo nem nela se diz já missa por estar a maior parte dela caída por terra, sem que o Ex.<sup>mo</sup> Conde de S. Miguel a queira reedificar sendo senhor dela como Comendador da Comenda de S. Miguel de Anreade da Ordem de Cristo não obstante ser a dita imagem antigamente tão milagrosa e tão venerada pelos fiéis ainda de partes bem longínquas, que se diz saíam na sua dita Ermida as pernas e braços de ... insígnias dos prodígios que o Santo obrava, às cargas por não caberem dentro dela» - cf. *Anreade* [Memória Paroquial de]. Ibid.

121 Estava «**pegada ao lugar de Porcas**» [...] «**que agora dotou e venera o padre José de Azevedo que de primeiro, nos princípios era do povo**», AZEVEDO, José Mendes - *Barrô* [Memória Paroquial de]. Ibid.

documentação da época moderna, nomeadamente em visitasões que apontam o complexo panorama de jurisdições e vicissitudes legalistas a que estavam sujeitas as capelas<sup>122</sup>.

#### IV. O PATRIMÓNIO: ALGUNS CASOS

Menos comuns na documentação memorialística, mais focada nas coisas da terra e aos espaços eminentemente «públicos», aparecem pela mão de alguns párocos informações respeitantes à estrutura das capelas, ao seu recheio e até a alguns aspectos do património a uso cultural ou litúrgico. Outrossim, surgem por vezes referências à administração do espaço, nomeadamente na questão de dotação e vínculos associados, e até a difíceis situações de carácter jurisdicional, como as que atrás referimos.

Entre o conjunto de memórias paroquiais destacam-se as das freguesias da sé de Lamego e São Cristóvão de Nogueira que merecem, pelas informações disponibilizadas uma atenção e uma análise mais cuidada.

Em São Cristóvão de Nogueira, paróquia situada junto ao Douro o reitor é particularmente minucioso na descrição do património das capelas, referindo o número de altares ( por retábulos) e de imagens neles expostas à veneração.

O reitor da sé concede uma atenção particular ao património religioso da sua freguesia, procurando, pela descrição dos edifícios, do seu recheio e pela natureza dos seus administradores, acentuar o poder e a majestade da cidade. Assinala, embora em termos latos, características e dimensões dos edifícios, o número de retábulos e algumas das imagens expostas – fazendo inclusive menção a materiais, tipologias e técnicas de produção. São particularmente expressivas as suas descrições da capela do Hospital e as do Paço Episcopal, hoje inexistentes ou alteradas na sua estrutura setecentista, tal qual as descreve em 1758 o reitor Diogo António Vieira.

Sobre a capela do Hospital escreve:

Nos lados desta Salla da parte da mam Esquerda, fica huma Cappella que toma o mesmo ambito com seo altar , e Retabolo dourado, e nelle a Imagem de Nossa Senhora Pranhe (advogada das mulheres pejudadas) tem tem por Lados em nichos dourados as Imagens de Nossa Senhora, e Sam Pedro de vulto estofadas: he meya azolejada, e o tecto apaynelado, e Ricamente dourado, com duas grandes janellas de Vidraças que Caem sobre o rio Coura; desta Capella vay o Santissimo aos Enfermos do Hospital, e nella se espoem os defuntos do mesmo, que vão para a Sepultura [...] <sup>123</sup>

122 Apontamos dois exemplos deste tipo de fonte para o caso de Lamego; os livros de visitação dos distritos eclesiásticos e os registos de instituições fundacionais ou vinculares. Na primeira categoria destacamos o código *Douro Capellas e Confrarias*, datado de 1725 e hoje desaparecido dos fundos do Arquivo Diocesano. Consultámo-lo para a região de Cinfães em finais da década de 1990 e vários autores o citam em monografias regionais, tendo sido documento privilegiado para o estudo da fundação e administração de capelas e ermidas existentes no primeiro quartel do século XVIII no distrito do Douro (correspondente sensivelmente aos actuais concelhos de Cinfães, Resende e Lamego). Regista-se ainda o livro das Instituições de capelas para o distrito da Serra, cf. ADL [Arquivo Diocesano de Lamego], [Fundo Geral], *Instituisoens* [...].

123 VIEIRA, Diogo António - *Sé [Memória Paroquial de]*. Lisboa: IAN/TT, 1758. Ibid.

Acerca do paço episcopal de Lamego refere:

[...] tem formozas Sallas, e bons commodos, e hua Cappella intreor aonde os Prelados ouvem, e dizem missa com hum magestoso paynel do Nascimento de Cristo Senhor Nosso, e largas molduras de tella, primorozamente douradas<sup>124</sup>.

Referia-se o reitor à capela titulada da Natividade, uma das duas existentes no paço. E quanto à de São Miguel, acrescenta:

Tem outra Capella admiravel e publica: para esta se entra pelo primeyro Sallão; tem esta seo Retabulo maravilhosamente dourado, e pintado fingindo pedra; e no meyo um paynel, em que se vé ricamente pintada a Imagem do glorioso Arcanjo São Miguel (nesta está hua cadeyra episcopal debayzo de hum docel). Tem trez frestas de vidraças, e sua sacristia; cuja capella mandou fazer este Excellentissimo Prelado o Senhor Dom Frey Feliciano de Nossa Senhora, para effeyto de nella dar ordens [...]<sup>125</sup>.

Ao longo da cidade e seu termo levantavam-se várias casas nobres a cujas capelas e senhores o memorialista alude, fazendo questão de salientar os ricos ornamentos, alfaias, relíquias<sup>126</sup> e imagens – algumas delas de «muyta devoção» como a de Cristo crucificado que existia numa casa da rua dos Fornos, instituída por Martinho Álvaro Pinto da Fonseca e em 1758 administrada por D. Maria Inácia Pinto de Vilhena<sup>127</sup>.

São também pertinentes as descrições sobre a decoração artística dos espaços religiosos como no caso da capela de São João Baptista, na rua Direita, administrada por António de Araújo Freire de Sousa Borges da Veiga. Segundo a leitura do reitor da Sé, possuía um «noblissimo retabulo, dourado, e pintado fingindo pedra»<sup>128</sup>.

124 Ibid.

125 Ibid.

126 Sobre relíquias na posse de particulares há a destacar, no território da diocese de Lamego, a alusão ao corpo de São Plácido, «que mandou vir de Roma o Exc.º Snr. D. Manoel de Vasconcellos Pereira, Bispo de Lamego; mas chegando de Roma depois de sua morte, o recebeu seu sobrinho Caetano Alexandre, filho da irmã do dito Snr. Bispo, e do Snr. Capitão –mor de Trancoso, assistente nesta villa de Moimenta [da Beira], aonde casou, e o guarda com toda a decência no oratório doméstico, aonde tem sido visitado dos povos com fama de milagres, e se lhe anda preparando uma capella magnifica», cf. AZEVEDO, 1877: 153

127 A imagem tinha o título de Senhor dos Aflitos e dez palmos de estatura. A capela tinha anexa uma sacristia e «ricos ornamentos», cf. VIEIRA, Diogo António - *Sé [Memória Paroquial de]*. Lisboa: IAN/TT, 1758. Ibid..

128 «No meyo da baquetta está dentro de hum Sacratio hua especial, e grande Reliquia do Santo lenho, que antigamente tinha sido da Caza dos Duques de Bragança», cf. VIEIRA, Diogo António - *Sé [Memória Pa-*

#### IV. O SANTORAL FAMILIAR: SANTOS DAS CASAS.

Esta-nos fazer uma incursão pelo património devocional destas capelas. Em que se distingue do património espiritual das ermidas, à partida determinado por necessidades colectivas? Poderá a distribuição das devoções particulares fornecer-nos elementos para uma divisão social das devoções?

Vejamos os seguintes gráficos:

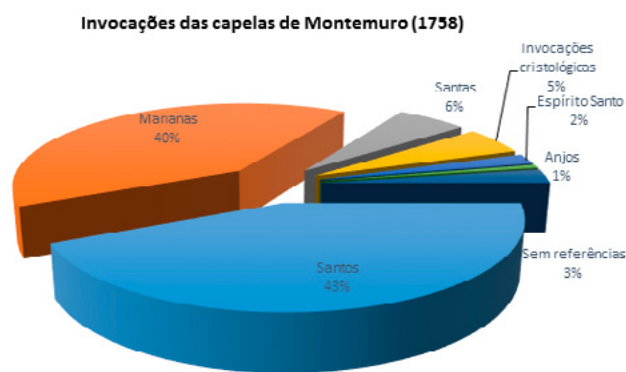


GRÁFICO 1. FONTE: MEMÓRIAS, 1758.

#### Invocações patronais das ermidas de Montemuro (sécs. XVI-XVIII)

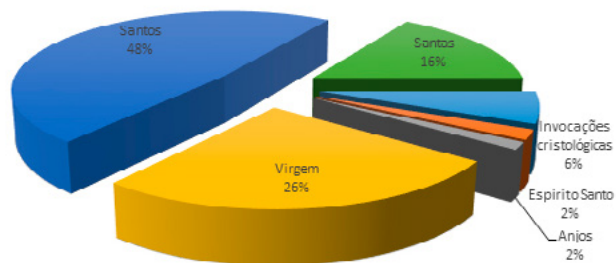


GRÁFICO 2. FONTE: MEMÓRIAS, 1758.



Embora a distribuição percentual das tipologias de invocações se aproxime entre capelas e ermidas, uma primeira análise notamos a primazia às devoções masculinas entre os cultos mais disseminados na região. Efectivamente quer nas titulações das ermidas, quer na das capelas a escolha de santos como patronos oscila entre, respectivamente os 43 e 48 por cento.

Todavia é claro o peso do marianismo, expresso em fatias de 40 (capelas) e 26 (ermidas) por cento. E se somadas as percentagens entre santas e as invocações marianas quase em ambos os casos se atingem valores que ombreiam com os das titulações hagiológicas masculinas.

Ainda mais aproximadas em percentagem são as invocações cristológicas (5/6 por cento), sendo residuais as invocações aos anjos (estando Miguel à cabeça) e ao Divino Espírito Santo, quer no caso das ermidas, quer no das capelas.

Este panorama parece revelar uma consistência territorial ao nível das escolhas de oragos titulares entre comunidades e indivíduos ou famílias. Talvez as mesmas necessidades, decorrentes da geografia, da capacidade de gerir recursos para subsistência ou de enfrentar os mesmos medos colectivos conduzisse a escolhas semelhantes, fosse no plano espiritual individual, ou num plano comunitário.

Todavia uma aproximação às devoções, aos vocativos cristológicos e marianos permite-nos observar uma dissonância entre oragos de capelas e patronos comunais. Tendo em conta as frequências de títulos que registámos para as ermidas de Montemuro, os oragos das capelas desta região divergem claramente sobretudo no que respeita aos Santos e Santas mais venerados:

TABELA 1 - PRINCIPAIS PATRONOS HAGIOLÓGICOS DE ERMIDAS E CAPELAS. MONTEMURO, 1758. FONTE: MEMÓRIAS, 1758.

Ermidas		Capelas	
São Sebastião (25)	Santa Luzia (8)	Santo António (21)	Santa Ana (3)
São Pedro (13)	Santa Bárbara (7)	São João Baptista (10)	Santa Bárbara (2)
Santo António (10)	Santa Catarina (3)	São Francisco (7)	Santa Eufémia (1)
São Lourenço (6)	Santa Ana (2)	São José (6)	Santa Maria Madalena (1)

Revela-se aqui uma contenda entre Sebastião, o Mártir por excelência, preferido pelas comunidades e Santo António, escolhido para culto maior nas capelas. O primeiro, já tivemos oportunidade para o referir, aparece na topografia religiosa junto às entradas e saídas das povoações, junto a lugares de trânsito ou pelo menos à vista destes<sup>129</sup>. Cabia-lhe defender as populações das pestes que viajavam pelos caminhos.

Santo António não deixa de assumir-se como terceira devoção entre os oragos escolhidos para as ermidas, assumindo aqui um papel que consideramos de protector dos recursos, nomeadamente da pecuária (numa região marcada pela transumância). Mas a escolha para titular das capelas deste franciscano revela, talvez, uma curiosa associação com o mundo linhagístico<sup>130</sup>, não apenas por se tratar, na linguagem comum de um *santo casamenteiro*, mas pela própria ligação do taumaturgo à nobreza portuguesa. Não devemos também excluir a simbologia nacionalista que lhe foi imputada depois de 1640, juntamente com a devoção à Imaculada Conceição.

É, aliás, no que respeita a invocações marianas e cristológicas marianas que parece verificar-se uma maior constância entre as devoções de ermidas e capelas:

TABELA 2 - PRINCIPAIS PATRONOS CRISTOLÓGICOS E MARIANOS DE ERMIDAS E CAPELAS. MONTEMURO, 1758. FONTE: MEMÓRIAS, 1758.

Ermidas		Capelas	
Senhor Jesus (2)	Senhor Jesus (2)	Virgem da Conceição (14)	Virgem da Conceição (14)
Ascensão do Senhor (1)	Ascensão do Senhor (1)	Virgem do Amparo (4)	Virgem do Amparo (4)
Menino Jesus (1)	Menino Jesus (1)	Virgem (3)	Virgem da Assunção (3)
Senhor da Agonia (1)	Senhor da Agonia (1)	Virgem da Graça (3)	Virgem do Desterro (3)
Santo Cristo (1)	Santo Cristo (1)	Virgem da Guia (3)	Virgem da Graça (3)

Mas estes quadros - que apenas apresentam o conjunto dos cinco títulos mais devocionados entre capelas e ermidas em Montemuro - , podem iludir-nos. Efectivamente cremos que, ao contrário das Santas e Santos cultuados, é nos vocativos mais extravagantes

129 RESENDE, 2012a: 229, 242

130 O autor da *Historia Ecclesiastica da Cidade e Bispado de Lamego* recorda o parentesco dos Bulhões com a família do taumaturgo, cf. AZEVEDO, 1877: 288.

e menos vezes escolhidos que podemos ter uma ideia mais completa da «função» dos patronos particulares.

Detenhamo-nos na análise dos vocativos marianos das capelas em Montemuro:

**TABELA 3 – INVOCAÇÕES MARIANAS DE CAPELAS EM MONTEMURO, 1758.**  
**FONTE: MEMÓRIAS PAROQUIAIS, 1758.**

VIRGEM DE/DA/DO			
Ajuda (1)	Conceição (14)	Nazaré (1)	Remédios (2)
Amparo (4)	Desterro (3)	Oliveira (1)	Repouso (1)
Aravera (1)	Graça (3)	Piedade (3)	Ribeira (1)
Assunção (3)	Guia (3)	Pilar (2)	Rosário (1)
Boa Hora (2)	Lapa (1)	Pranto (1)	Virtudes (1)
Boa Morte (1)	Luz (3)	Prazeres (2)	
Boa Nova (1)		Preces (2)	
Bom Sucesso (1)			
		Sem referências (3)	

Excluindo as devoções de carácter regional ou mesmo internacional (ligadas a afamados santuários católicos), como a Virgem da Lapa e a Virgem dos Remédios, a Virgem do Pilar e a Virgem da Oliveira, a devoção nacionalista à Virgem da Conceição e o culto ao Rosário de difusão mendicante, um conjunto muito significativo de vocativos apela para momentos particulares da vida dos indivíduos e das casas nobres, como o nascimento (Boa Hora, Bom Sucesso, Boa Nova, Ajuda e Guia), o casamento e a família (Desterro, Nazaré) e a morte (Boa Morte, Pranto, Preces).

Tal como as comunidades da época moderna substituíram muitos dos seus santuários hagioterapêuticos colectivos (dedicados a obscuros mártires) por invocações marianas, também as famílias procuraram para as suas capelas títulos protectores para os momentos mais cruciais do seu percurso genético e social. O papel de Mãe e guia acalentado por uma Igreja reformada contribuiu para esta disseminação de cultos e até, (um estudo na longa duração com certeza o permitiria observar), a feminização da espiritualidade colectiva e individual desde a Idade Média.

Sobre a aproximação das casas e famílias a estas invocações, a fonte que tomamos como elemento principal de análise é omissa. Porém, tendo em consideração a titulação hagiológica masculina e feminina - São Francisco (de Assis), «São» Gonçalo, Santo Inácio, São

Bento, São Bernardo e São Domingos, Santa Quitéria e Santa Rosa de Lima, entre outros – este tipo de invocações poderá indicar o contacto com ordens religiosas quer através da missionação, quer através dos laços familiares e sociais das casas cujos proprietários ora dependiam, como foreiros dos mosteiros, ora lhes entregavam os filhos e filhas para carreira eclesiástica e para assegurar nas igrejas monásticas o seu panteão familiar.



## CONCLUSÃO

Embora limitados pela grelha esquemática do questionário e pela diversidade das respostas - condicionadas pela bagagem cultural dos inquiridos - o memorialismo de 1758 permite uma articulação regional para perspectivas de comparação e análise abrangente de várias temáticas. No presente trabalho colhemos algumas notas sobre a capela enquanto espaço devocional particular e estabelecemos, dentro de uma linguagem estatística, a procura de padrões que nos possam ajudar a colmatar o silêncio da fonte sobre escolhas, percursos e razões inerentes à edificação e gestão de tais estruturas.

Neste sentido não obtivemos respostas directas para questões que ainda nos assomam sobre a tipologia, dimensão e posição daquelas estruturas ou até sobre a sua articulação com o urbanismo. Cingindo-se a respostas concretas sobre a existência, ou não, de capelas e ermidas, os memorialistas apenas remetem para indicações que resumem a factualidade destes edifícios.

Ainda assim, o cruzamento de vários elementos de teor contabilístico (nome, número e identificação do administrador da capela) permitiu-nos uma incursão sobre a origem, identificação (ainda que parcelar) da origem e estatuto social dos administradores; um co-

nhecimento sobre a implantação das capelas no território em estudo (Montemuro) e até uma aproximação ao património arquitectónico e artístico de alguns dos espaços.

Mas neste conjunto de 153 capelas surge um factor importante que tivemos em conta e que a fonte regista com rigor: a devoção. Através da contabilização das invocações e a sua categorização, posteriormente comparada com os oragos comunitários, foi possível estabelecer escalas de escolhas individuais ou familiares que manifestam o dos senhores das casas em colocar-se ante a protecção de uma entidade com características próprias e favoráveis a certos momentos da sua vida ou do seu percurso social.

Outrossim, conhecer este tipo de património do ponto de vista territorial e devocional contribui, cremos, para o conhecimento menos superficial das motivações inerentes à fundação, incremento e até desaparecimento destes edifícios, compreendidos num contexto familiar e economicamente diverso dos espaços religiosos públicos.

De resto, a escolha da devoção e do local são fundamentais para se compreender a construção e a articulação do edifício no urbanismo, ou as estratégias dos seus mentores - se perspectivarmos estes espaços não apenas como simples locais de culto mas também formas de expressão e promoção familiar e linhagística.

## ANEXO

QUADRO 1 – RESULTADO DO LEVANTAMENTO SOBRE CAPELAS, ADMINISTRAÇÃO E DEVOÇÕES EM MONTEMURO

Distrito	Paróquia	Termo do lugar	Orago	Implantação	Padroeiro: instituidor/administrador
Cidade	Almacave	Igreja	Divino Espírito Santo	periférica	Pedro Cardoso Coutinho
Cidade	Almacave	Fafel	Santo António	isolada	Arcediago do Côa
Cidade	Almacave	Foz de Baixo	São João Baptista	[sem dados]	António Guedes de Magalhães Osório
Cidade	Almacave	Almedina	Virgem da Conceição	[sem dados]	José Pacheco de Mendonça
Douro	Alvarenga	Vila	São Francisco	urbana	Caetano Luís de Barros
Douro	Alvarenga	Miudal	São João Baptista	periférica	Pedro Mendes Tristão
Douro	Alvarenga	Várzeas	São José	urbana	Padre José de Moraes
Douro	Alvarenga	Miudal	Virgem da Conceição	urbana	Bernardo Freire de Andrade
Douro	Alvarenga	Vila	Virgem do Desterro	periférica	António Caetano de Montenegro
Douro	Anreade	Palma	Santa Ana	[sem dados]	Alexandre Pinto Pereira, sargento-mor
Douro	Anreade	Caldas	Santo Amaro	[sem dados]	Comenda de São Miguel
Douro	Anreade		São Pedro	isolada	Beneficiado
Douro	Anreade	Fornelos	Virgem da Luz	isolada	Família da casa de Fornelos
Douro	Anreade	Outeiro-Adega	Virgem do Bom Sucesso	[sem dados]	António Teixeira
Douro	Anreade	Granja	Virgem dos Remédios	[sem dados]	Padre António José
Serra	Arneirós	Arneirós	Santo António	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Arneirós	Arneirós	Virgem da Conceição	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Arneirós	Arneirós	Virgem da Oliveira	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Arneirós	Arneirós	Virgem do Pilar	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Baltar de Cabril	Dornelas	São Macário	urbana	[Eclesiástico]
Douro	Baltar de Cabril	Avitoreira	Virgem da Piedade	urbana	[Eclesiástico]
Douro	Barrô	Porcas	Santa Bárbara	[sem dados]	Francisco Monteiro Montenegro
Douro	Barrô	Vilar de Suso	Santo António	[sem dados]	João Mourão de Carvalho
Douro	Barrô	Quinta do Torrão	Santo António	[sem dados]	Miguel António
Douro	Barrô	Vilar	São João Baptista	[sem dados]	Jorge Pereira de Albuquerque
Douro	Barrô	Quinta da Torre	São Pelágio	[sem dados]	António Correia
Douro	Barrô	Torre/Pousadouro	São Pelágio	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Barrô	Vila Verde	Virgem da Boa Nova	[sem dados]	Constantino Gomes de Azevedo
Douro	Barrô	Quinta de Pardelhas	Virgem da Conceição	[sem dados]	Domingos de Azevedo
Douro	Barrô	Quinta da Granja	Virgem da Guia	[sem dados]	Padre Estêvão Gomes
Douro	Barrô	Vila Verde	Virgem da Nazaré	[sem dados]	Mosteiro de Salzedas
Douro	Barrô	Ribeira	Virgem do Amparo	[sem dados]	Padre Cónego José Cardoso
Serra	Cambres	Barosa	Santa Ana	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Portelo	Santa Cruz	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Quintião	Santo António	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Mosteiró	Santo António	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Azenha	Santo António	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Quinta dos Religiosos de Salzedas	São Bernardo	[sem dados]	Mosteiro de Salzedas
Serra	Cambres	Lamelas/Portela/Pomarelhe	São Caetano	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Felgueiras	São Domingos	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Rio Bom	São João Baptista	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Mosteiró	São João Baptista	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Rio Bom	São José	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Bouços	São Pedro	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Mosteiró	Virgem da Assunção	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Selada	Virgem da Boa Nova	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Portelo	Virgem da Conceição	[sem dados]	[não identificado/a]

Serra	Cambres	Quinta	Virgem da Ribeira	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Bugalheira	Virgem das Preces	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Mourela	Virgem das Preces	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Bugalheira	Virgem do Desterro	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Estrada	Virgem do Pilar	[sem dados]	[não identificado/a]
Serra	Cambres	Monsul	Virgem do Repouso	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Cinfães	Quinta da Quintã	Menino Jesus	isolada	Manuel Mendes de Vasconcelos
Douro	Cinfães	Ruivas	Santa Quitéria	[sem dados]	Manuel Pinto Bravo
Douro	Cinfães	Cinfães	Santo António	urbana	José Perestrelo de Melo
Douro	Cinfães	Açoreira	Santo António	[sem dados]	Padre António Caldeira de Barros
Douro	Cinfães	Teixeirô	Santo António	[sem dados]	Francisco de Lacerda Pereira
Douro	Cinfães	Vila Pouca	São Francisco	[sem dados]	Padre Bernardo Cardoso Amaral
Douro	Cinfães	Pias	São Gonçalo	urbana	Padre Manuel Pereira
Douro	Cinfães	Fontainhas	São João Evangelista	isolada	Bartolomeu Dias de Figueiredo
Douro	Cinfães	Quinta de Tintureiros	Senhor Jesus	isolada	João da Cunha Soutomaior
Douro	Cinfães	Souto do Rio	Virgem da Conceição	[sem dados]	Padre Tomás Cardoso de Vasconcelos
Douro	Cinfães	Quinta da Ribeira	Virgem da Conceição	[sem dados]	Francisco de Lacerda Pereira
Douro	Cinfães	Ventuzela	Virgem da Conceição	[sem dados]	Luís Soares de Avelar
Douro	Cinfães	Cidadelhe	Virgem da Guia	[sem dados]	João da Silva
Douro	Cinfães	Tubirais	Virgem da Luz	[sem dados]	Francisco de Lacerda Pereira
Douro	Cinfães	Sequeiro Longo	Virgem do Desterro	[sem dados]	Marcelina de Noronha e Mouta
Douro	Cinfães	Quinta do Pedregal	Virgem do Rosário	[sem dados]	Luís Osório Pereira
Douro	Cinfães	Cinfães	Virgem dos Prazeres	urbana	Domingos Vieira de Melo
Douro	Ermida do Douro	Picão	Virgem da Conceição	isolada	Padre Manuel Teixeira
Douro	Escamarão	Vila Meã	São João Baptista	[sem dados]	Joana Antunes de Guimarães
Douro	Espadanedo		Virgem da Conceição	[sem dados]	António de Sousa e Vasconcelos
Douro	Espadanedo		Virgem da Graça	[sem dados]	António Peixoto
Douro	Ester	Ester de Baixo	[sem referência]	urbana	Padre Manuel Mota da Fonseca
Douro	Felgueiras	Ferrós	São José	[sem dados]	D. Catarina
Douro	Ferreiros de Tendais	Crasto de Cio	Santa Bárbara	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Ferreiros de Tendais	Covelas	Santo António	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Ferreiros de Tendais	Chã	Santo António	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Ferreiros de Tendais	Ferreiros	Santo António	periférica	[não identificado/a]
Douro	Ferreiros de Tendais	Ribeira	Santo Inácio	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Ferreiros de Tendais	Covelas	São Francisco	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Ferreiros de Tendais	Covelas	São Roque	periférica	[não identificado/a]
Douro	Ferreiros de Tendais	Verdozedo	Virgem da Ajuda	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Ferreiros de Tendais	Ferreiros	Virgem da Assunção	urbana	Não localizada
Douro	Ferreiros de Tendais	Chã	Virgem dos Prazeres	[sem dados]	Não localizada
Douro	Fornelos	Quinta das Carvalhas	São Sebastião	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Freigil	Vigão	Divino Espírito Santo	[sem dados]	António Pereira Pinto
Douro	Freigil	Caldas	Santa Maria Madalena	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Freigil	Vigão	Santo António	[sem dados]	José de Melo
Douro	Freigil	Vinhais	Virgem do Amparo	[sem dados]	Lourenço Ramalho Botelho
Douro	Oliveira do Douro	Passô	São Francisco	periférica	Manuel Pereira
Douro	Oliveira do Douro	Quinta dos Gravatos	Virgem da Luz	[sem dados]	José Campelo
Douro	Oliveira do Douro	Boassas	Virgem do Amparo	urbana	António do Amaral Semblano
Douro	Oliveira do Douro	Quinta de Passô	Virgem dos Remédios	[sem dados]	Afonso Botelho Pinto
Douro	Parada de Ester	Vila	São Francisco	isolada	Padre Manuel Mota da Fonseca
Serra	Penajóia	Molões	Sagrada Família	urbana	Bernardo José Cerqueira de Queirós
Serra	Penajóia	Quinta do Pombal	Santo António	isolada	José Correia da Fonseca

Serra	Penajóia	Torre	Santo António	urbana	Clara Maria, viúva
Serra	Penajóia	Pousada	Santo António	urbana	Bernardo José Cerqueira de Queirós
Serra	Penajóia	Fornos	Santo António	urbana	António Cardoso da Fonseca
Serra	Penajóia	Estremadouro	São Francisco	urbana	Padre Álvaro Leite Pereira
Serra	Penajóia	Quinta das Adegas	São João Baptista	isolada	Domingos Francisco Chaves
Serra	Penajóia	Portela	São José	urbana	José Carneiro Tavares
Serra	Penajóia	Quinta de Penim	Virgem da Aravera	isolada	Carlos António
Serra	Penajóia	Corvaceira	Virgem da Lapa	urbana	Domingos Rodrigues
Douro	Picão	Picão	Virgem da Graça	urbana	Religiosa de São Bento
Douro	Pinheiro	Desfeita	Virgem da Piedade	[sem dados]	Tomé Cardoso
Serra	Samodães	Igreja	Virgem da Assunção	isolada	Pedro Cardoso Coutinho
Serra	Sande		Santo André	[sem dados]	José Pacheco de Mendonça
Serra	Sande		Virgem da Guia	[sem dados]	José Gomes
Serra	Sande		Virgem da Piedade	[sem dados]	António Gomes Ramalho
Douro	Santa Marinha de Nespereira	Paradela	Santo António	[sem dados]	Ana Monteiro
Douro	Santa Marinha de Nespereira	Ervilhais (lugar grande)	Santo António	periférica	Gonçalo Vaz Leitão
Douro	Santo Erício de Nespereira	Figueiredo	São Francisco	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Santo Erício de Nespereira	Granja	São Vicente	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Santo Erício de Nespereira	Pindelo	Virgem da Conceição	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	São Cristóvão de Nogueira	Louredo	São Bento	[sem dados]	Doroteia e irmãs
Douro	São Cristóvão de Nogueira	Porta	São José	[sem dados]	José António de Oliveira
Douro	São Cristóvão de Nogueira	Quinta da Grova	São Libório	periférica	Padre Tomás António de Noronha
Douro	São Cristóvão de Nogueira	Quinta da Granja	São Miguel	isolada	Inácio Correia de Sousa
Douro	São Cristóvão de Nogueira	Valbom	Senhor Jesus	[sem dados]	Manuel de Lacerda e Vasconcelos
Douro	São Cristóvão de Nogueira	Outeiro	Virgem	[sem dados]	Úrsula Maria
Douro	São Cristóvão de Nogueira	Mourilhe	Virgem da Boa Hora	[sem dados]	José Libório de Melo
Douro	São Cristóvão de Nogueira	Vila Nova	Virgem da Conceição	[sem dados]	António Pinto da Fonseca
Douro	São Cristóvão de Nogueira	Quinta da Raposeira	Virgem da Conceição	[sem dados]	António Azevedo Leitão
Douro	São Cristóvão de Nogueira	Temporão	Virgem do Pranto	[sem dados]	Inocência Cardoso
Douro	São Tiago de Piães	Cosconhe	Ascensão do Senhor	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	São Tiago de Piães	Quinta de Antemil	Divino Espírito Santo	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	São Tiago de Piães	Concela	Santa Ana	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	São Tiago de Piães	Quinta de Souto Juste	Santa Rosa de Lima	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	São Tiago de Piães	Quinta de Sequeiros	São Gonçalo	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	São Tiago de Piães	Quinta da Póvoa	São Gonçalo	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	São Tiago de Piães	Quinta da Ribeira	São José	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	São Tiago de Piães	Quinta de Antemil	Virgem da Conceição	[sem dados]	[não identificado/a]
Cidade	Sé	Rua Direita	São João Baptista	[sem dados]	António de Araújo Freire de Sousa Borges da Veiga
Cidade	Sé	Rua do Castelo	Virgem da Boa Morte	[sem dados]	Sebastiana Teresa
Cidade	Sé	Arco da Porta do Sol	Virgem da Graça	[sem dados]	Mosteiro de Salzedas
Cidade	Sé	Lages	Virgem das Virtudes	[sem dados]	Morgado de Balsemão

Cidade	Sé	Rua dos Fornos	Virgem do Amparo	[sem dados]	Maria Inácia Pinto de Vilhena
Cidade	Sé	Hospital	[sem referência]	[sem dados]	Hospital
Cidade	Sé	Paço episcopal	[sem referência]	[sem dados]	Bispo
Cidade	Sé	Paço episcopal	[sem referência]	[sem dados]	Bispo
Douro	Souselo	Vilela	Santo Cristo	[sem dados]	António Vieira Pinto
Douro	Souselo		São Sebastião	[sem dados]	Padre Manuel de Sousa Lima
Douro	Tarouquela	Igreja	São João Baptista	isolada	Patrício Manuel Coelho Peixoto
Douro	Tendais	Granja	São Pedro	[sem dados]	Comendador da Ermida
Douro	Tendais	Vila de Muros	Senhor da Agonia	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Tendais	Meridãos	Virgem	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Tendais	Vila de Muros	Virgem	[sem dados]	[não identificado/a]
Douro	Travanca do Douro	Quinta de Miragaia	Santa Eufémia	[sem dados]	Lourenço José Carneiro Rangel
Douro	Travanca do Douro	Quinta de Loureiro	Santo António	[sem dados]	António de Castro Soutomaior
Douro	Travanca do Douro	Quinta	São João Baptista	[sem dados]	Francisco António Camelo Falcão Pereira da Silva

## BIBLIOGRAFIA:

AZEVEDO, Joaquim de (1877) - *Historia Ecclesiastica da cidade e Bispado de Lamego*. Porto: [Typographia do Jornal do Porto], 1877.

BLUTEAU, Raphael (1712-1728) - *Vocabulario portuguez e latino [...]* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus.

DAVID, Pierre (1947) - *Études sur la Galice et le Portugal du VIe au XIe siècle*. [Coimbra]: Institut Français au Portugal.

FARIA, Manuel Severim de; VAZ, Francisco A. Lourenço, introd., act. e notas (2003) - *Notícias de Portugal*. Lisboa: Edições Colibri, ISBN: 972-772-360-8

LAMEGO, DIOCESE (1683) - *Constituições synodaes do Bispado de Lamego [...]*. Lisboa: [na officina de Miguel Deslandes].

FERNANDES, A. de Almeida (1963) - *As origens nas igrejas da Diocese Lamecense*. Porto: [edição de autor].

RESENDE, Nuno (2010) - «O Discurso do Tempo: para uma releitura das memórias paroquiais de 1758». *Invenire*. n.º 1, 14-17.

RESENDE, Nuno (2012a)- *Fervor & Devoção: Património, culto e espiritualidade nas ermidas de Montemuro (séculos XVI a XVIII)*. Porto: Universidade do Porto.

RESENDE, Nuno (2012b)- *Vínculos quebrantáveis*. Coimbra: Palimage. ISBN: 978-989-703-052-9.

VITERBO, J. de Santa Rosa (1798) - *Elucidario das palavras, termos, e frases [...]*. Lisboa: [Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira].

## FONTES EM ARQUIVO CITADAS

[S.A.]- Anreade [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4238983>>.

ANTUNES, Manuel - Ferreiros de Tendais [Memória Paroquial]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240074>>.

ARAÚJO, João Veloso de - Cambres [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4239417>>.

AZEVEDO, José - São João de Fontoura

[Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240130>>.

AZEVEDO, José Mendes - Barrô [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4239198>>.

CARVALHO, Manuel Salter Rios de - Espadanedo [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4239960>>.

COSTA, Bernardo Ferreira da - Ester [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4239992>>.

FERRÃO, Manuel Correia - Pinheiro [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4241235PT/TT/MPRQ/29/187>>.

GOUVEIA, José da Cunha e - São Cristóvão de Nogueira [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240942>>.

PINTO, Luís de Siqueira - Resende [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4241433>>.

RANGEL, Manuel José Carneiro - Fornelos [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240140>>.

SILVA, Manuel Ferreira da - Santiago de Piães [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4241215>>.

TAVEIRA, José de Sousa Maria Evangelista - Almacave [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240473>>.

TEIXEIRA, Baltazar Manuel de Carvalho Pinto - Oliveira do Douro [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240984>>.

VIEIRA, Diogo António - Sé [Memória Paroquial de]. Lisboa: IAN/TT, 1758. Disponível em WWW: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4240472>>.